

COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO

Na figura 694 da obra de Felipe Guamán Poma de Ayala

Gerardo Custodio López
gerclsx@yahoo.com.mx

Resumo: *A colonização direta dos povos e continentes foi realizada como uma prática normal por parte de grupos organizados e poderosos que, através de invasões, dominavam e submetiam os conquistados impondo-lhes um sistema de vida alheio a seus costumes. O continente americano foi conquistado dessa maneira. Com o passar do tempo, a presença incômoda de estrangeiros criou uma reação dos conquistados até ficar parcialmente livre do jugo que os sujeitava. A colonização entre os povos segue vigente de diferentes maneiras o dia de hoje. Com este artigo, analiso um exemplo de como uma testemunha ocular do século XVI no Peru vê o colapso de sua cultura, mas ao mesmo tempo reconhece alguns valores adquiridos dos quais ele está convencido de sua validade. Por um lado, querem se livrar do que lhes causou danos, desestabilizando sua forma de vida e, por outro lado, assimilar o que os ajudava como sociedade, a desenvolver valores que se encaixavam nos ensinamentos de seus ancestrais. Assim começa um processo muito complexo.*

Abstract: *The direct colonization of the peoples and continents was carried out as a normal practice by organized and powerful groups that, through invasions, dominated and subdued the conquered by imposing a system of life alien to their customs. That is how the American continent was conquered. Over time, as a reaction to the uncomfortable presence of foreigners, the conquered were able to partially free themselves from under their yoke. Colonization among peoples remains in full force today, though in different forms. In this essay, I analyze an example of how an eyewitness of S. XVI in Peru, sees the collapse of his culture, but at the same time recognizes some acquired values of which he is convinced of its validity. On the one hand, they want to free themselves of what came to harm them, destabilizing their way of life and, on the other hand, they want to assimilate what helped them become a better society, developing values that fit with the teachings of their ancestors. Thus, begins a complex process that walk toward a decolonizing society.*

1. O QUE SE ENTENDE POR COLONIZAÇÃO?

De acordo com a Real Academia Espanhola, 'colônia' é um grupo de colonos em um novo país. É um território da nação criado e ordinariamente dominado, regido e administrado por leis especiais ou estrangeiras. Isso sugere que havia, naquele lugar ocupado, um território invadido, perturbado ou destruído pela chegada de grupos do exterior.

Colonial deriva de 'colônia', agricultor, de cultivar. Quer dizer que, nesse território ocupado, serão produzidos 'cultivos' alheios, que os habitantes não precisam, não usam ou não são bem-vindos. Os colonos normalmente ocupam um lugar para explorar recursos com benefícios econômicos, mas para os habitantes do local significa corrosão da liberdade, da dignidade da vida e da cultura de seus habitantes. Nessas condições, a criatividade e o engenho das pessoas exploradas e marginalizadas se deterioram, enfatizando a incapacidade de voltar a viver sem dependência do exterior (cf. RYAN, 1.1).

2. O QUE É DESCOLONIZAÇÃO?

De acordo com o dicionário é pôr fim a uma situação colonial de um território. Retire-se da colônia deixando-a independente. Para os nativos do lugar, descolonizar seria fazer que seu território seja independente, eliminando os colonos que geralmente eram invasores e imigrantes ilegais. Os colonos, por si só, não deixam o lugar a menos que sejam expulsos.

Dentro dos colonialismos, a Igreja também entrou nessa corrente, especialmente em tempos de conquista deste continente. Para dar passos para a descolonização implicaria:

- análise detalhada de importações e imitações;
- a reapropriação dos próprios valores e suas possibilidades de desenvolvimento;
- semear o próprio solo com objetivos, desejos, sofrimentos, lutas, esperanças, etc.;

- recopilação cuidadosa dos frutos para fomentar o nível de vida humana de todos (cf. RYAN, 1.3).

3. A COLONIZAÇÃO POR MEIO DA IGREJA

O colonialismo europeu começou com uma viagem de Cristóvão Colombo que comparou sua ‘descoberta do Novo Mundo’ com a nova criação mencionada no livro do Apocalipse, quando, no ano de 1500, ele escreve: *O Senhor me fez seu mensageiro (do céu e da terra nova) e me mostrou para onde ir.* Catherine Keller comenta que esse messianismo subliminar parece ter santificado os esforços de colonização... justificando uma escalada bíblica de genocídio e ecocídio contra populações indígenas (KELLER, 67). Isso deu como resultado os horrores da conquista e o saque, no comércio de escravos e no trabalho forçado, bem como em uma ganância cristã impensável e no culto a *Mammon*, com os conflitos sangrentos que se seguiram.

A Igreja Ocidental viu na expansão da Europa uma oportunidade dada por Deus para a salvação das almas e do próprio crescimento. Não perceberam que, dessa maneira, colocaram as novas terras em xeque, o que poderia ter sido uma melhor compreensão do Reino de Deus. Isso estava na raiz do colonialismo. Isso já se havia gestado no ato imoral com o qual o Papa Alexandre VI entregou sem hesitação, tanto para Portugal como para a Espanha, dividindo o mundo em duas partes em 1494, que culminou na apropriação excessiva das riquezas naturais e culturais dos povos conquistados e o extermínio dos mesmos. *Os missionários que iam de mãos dadas com colonizadores, comerciantes e soldados, não podiam, senão estar parcialmente contaminados pelos desenhos de buscadores de ouro, especiarias, terras, escravos e colônias...* pensaram que a expansão comercial e militar dos poderes foi uma oportunidade providencial para a difusão do Evangelho (BALASUNDARAM, 5).

No Documento de Trabalho para o Sínodo da Ásia em 1998, admite-se que: *aproveitando o movimento colonial europeu,*

a Igreja enviou missionários para espalhar a mensagem do Evangelho... nas primeiras fases da expansão ocidental, as Igrejas se aliaram no processo de colonização e se beneficiaram da expansão do império. Em troca, as Igrejas legitimaram o imperialismo ... e utilizaram o Evangelho para amenizar a resistência nacional diante do saque dos estrangeiros (n. 6).

Em quanto à Igreja no Continente Americano, as comunidades formadas eram réplicas das igrejas ocidentais. Foram transplantados para as terras conquistadas, em vez de apenas jogar a semente do Evangelho, para que nas distintas terras crescessem com suas próprias visões do lugar. Além disso, a liturgia era uma cópia da matriz, que até a língua estrangeira era imposta. Também a arte, teologia, espiritualidade, sistemas educacionais etc. (PATHIL, 129-132).

O resultado de tudo isso é que, para os povos conquistados, em liturgias, devoções, teologias, etc., Deus aparece como estrangeiro, que chegou com os que vinham de fora. Não era possível que Deus pudesse entender as pessoas locais. Parecia que Deus era transportado em seus navios “para as terras sem Deus”. Durante séculos, dava a impressão que Deus só entendia o latim como língua, completamente estranha ao povo. O próprio Papa Pio XII, em 1947, apresentou o latim como sinal de unidade em uma Igreja mundial, mas isso realmente criou um abismo entre o clero e o povo. Dessa maneira, foi difícil para as Igrejas autóctones e custou muito confiarem numa igreja desse jeito.

A teologia era importada. Foi elaborada em escolas ocidentais, feito para ambientes muito diferentes dos de outros continentes. Ao mesmo tempo, em si mesmas, as ideias teológicas defendiam e justificavam à sociedade que as formou, querendo obrigar a outros a aceitá-las como absolutas. Ela também serviu para defender o *status quo* que lhe deu a vida. Por exemplo, alguns afirmavam o seguinte: *alguns nascem senhores e outros escravos. Alguns colonialistas... ensinaram que um índio americano é por natureza um escravo, inferior ao europeu que por natureza é seu senhor.* (PATHIL, 41).

A visão que emerge dessa teologia e levada pelos missionários para o novo continente enfoca-se em destacar a hierarquia, o poder, a submissão, a resignação e a salvação no outro mundo, mas que a comunidade, amizade, obediência à verdade, a busca pela justiça e o Reino de Deus na terra. Dessa maneira, ele não foi capaz de ler as raízes da cultura espiritual desta terra e conversar com ela. Não sabia como se relacionar com a história (cf. ERSKINE, p. 6-9; 116-117).

Com essa visão, não foi desenvolvida uma visão profética. Não tinham um Evangelho para os pobres, nem Evangelho de libertação para os oprimidos como o teve Jesus; e nenhum Evangelho de desafio aos exploradores, saqueadores e adoradores de riqueza, das armas e da guerra (BALASURIYA, *Planetary*, p. 4). Era umas práxis etnocêntrica, destinada a sublinhar o individualista, a superioridade de uma cultura sobre outra, centrada na própria Igreja e em sua expansão. Seu esquema era: Deus-Igreja-Mundo, dando a entender que somente através da Igreja se alcança Deus, e não Deus-Mundo-Igreja. Dessa maneira, Jesus salva do pecado original e não da opressão e exploração da conquista colonialista (BALASURIYA, *Jesus Cristo*, p. 328-330).

Uma das conquistas recentes, neste campo, que nosso continente conseguiu alcançar para lograr uma visão mais de acordo à situação de nossos povos foi a Teologia da Libertação desde os anos de 1960, com Gustavo Gutierrez para a América Latina e James Cone's para USA. Nessas tentativas, sublinha-se o primado das práxis sobre a teoria e a participação da análise da realidade social.

4. OS ANIMAIS QUE ATACAM AOS POBRES DE JESUS CRISTO.

Sob esse substrato descrito, desde os inícios da conquista houve a preocupação de distinguir o que veio de fora do que já existia na região; encontrar uma maneira de combinar o positivo do que veio com a conquista e a evangelização, com as raízes dos povos que habitavam essas terras. Para isso, tomei como exemplo

o trabalho realizado na obra “Nova Crônica e Bom Governo”, de Felipe Guamán Poma de Ayala¹, no Peru, no século XVI.

O que Guamán expressa em seu livro é uma história ousada dirigida ao rei Felipe II da Espanha, na qual, por palavras e imagens, ele quer que eles entendam a validade das instituições autóctones do Peru, existentes antes da chegada dos conquistadores e que em certos pontos têm consonâncias com o apresentado pelo cristianismo. Ele queria um Bom Governo autônomo, à maneira de seus antepassados, que haviam sido “evangelizados” por São Bartolomeu. Por que à maneira dos ancestrais?

A primeira parte de sua obra é uma espécie de história bíblica do mundo andino que chega ao confronto com o império cristão. A segunda parte é para sugerir o Bom Governo pelos graves abusos que se estavam cometendo pelos conquistadores. Tudo isso expresso em 400 desenhos. Guamán conhecia o mundo indígena em profundidade, mas também se qualificava como cristão por convicção. Nesses desenhos, mostra a enorme contradição que afetava a cristianização do Peru: o evangelho sendo “boa notícia” resultava ser um enorme mal, uma calamidade, com a degeneração dos costumes, a desmoralização das instituições, a propagação dos vícios, a proliferação das enfermidades, na pobreza, na morte de um povo. Para ele, a evangelização anterior com São Bartolomeu foi melhor que a atual e fez do seu povo, melhores cristãos do que os que haviam acabado de chegar (cf. HOORNAERT, 23-24).

Guamán é apresentado como defensor da condição cristã do seu povo, que caminha seguindo os ensinamentos do Evangelho. Essa fé já existente, não é demonstrada na recitação de orações ou na memorização da doutrina, mas na prática de obras de misericórdia que favorecem principalmente os pobres... seu povo, o Peru, tinha um sistema de vida de reciprocidade, no presente, na gratuidade, na festa. Por outro lado, para o mundo espanhol, havia outras formas de ver a vida, como a aquisição de bens, a busca de lucro, desprezando os valores livres da vida. Segundo Felipe Guamán Poma de Ayala, os espanhóis são maus cristãos,

“pecadores idólatras” e devem ser evangelizados pelos nativos, “cristãos civilizados”, para descobrirem os verdadeiros valores do Evangelho que perderam devido à busca desenfreada por ouro e prata (cf. HOORNAERT, 26).

Os objetivos de Guamán resumem-se em denunciar a situação violenta colonial, a desestruturação da cultura andina e a buscar ao mesmo tempo, na perspectiva andina, as soluções idôneas para evitar o desaparecimento da nação indígena (AMAYA, p. 28). A situação que vivia o povo inca era um reflexo do que vivam todos os povos conquistados, tanto pelos espanhóis quanto pelos portugueses. Um punhado de soldados conseguiu subjugar um grande número de pessoas sob seu domínio. Guamán mostra “aos pobres de Jesus Cristo” que foram encurralados para não escapar de sua condição, que apenas apelando ao próprio Deus para serem libertados de tal situação. Na América ao encontrar-se as raças, foi sobretudo o confronto entre dois mundos: o mundo preciso, mas extremamente agressivo entre os europeus e seus descendentes com o mundo dos conquistados.

Guamán tem a tarefa de viajar pelo Peru. Lembre-se de que, na época dos incas, existia um calabouço subterrâneo onde o condenado era trancado junto com bestas selvagens e serpentes. A triste realidade é que ele agora é assediado por novas bestas, como o puma escravista, a serpente magistrada, a raposa doutrinária, o tigre capataz e outras pragas menores, como o rato cacique e o gato escrivão (cf. GAMUCIO, p. 2).

A imagem a seguir (694) apresenta aos seis animais que praticamente se comem em vida aos “pobres de Jesus Cristo” que não têm maneira de fugir ou se defender. Uma frase constante na obra de Guamán é: *Assim vão acabando os índios deste reino e não há remédio* (607/621, p. 575). A imagem vem a ser a síntese do autor que, embora aceite o sistema colonial, ao mesmo tempo o tempo o questiona, especialmente tentando retificar a vida dos cristãos e dos andinos, escravistas, sacerdotes, frades, mineiros, comerciantes e outros personagens da colônia (AMAYA, p. 12).

Descrição da imagem central da nossa análise.

- A serpente é o magistrado.
- O tigre são os espanhóis que cobram impostos.
- O leão é o escravista.
- A raposa são os padres de batina.
- O rato é o cacique.
- O gato é o escrívão.



“Os índios temem o **Magistrado** porque são piores que serpentes. Ele come as pessoas porque come a vida e o ventre e lhe tira a propriedade como um animal selvagem. Pode mais do que todos e a todos vence ... e não há remédio.

O **Encomendero** é temido pelas pessoas porque é **Leão**; pegando não perdoa com essas unhas e sendo mais bravo que o animal, ele não perdoa ao pobre e não o agradece como um animal feroz neste reino e não há remédio.

Do **Padre da doutrina** os índios têm medo porque são habilidosos e **Raposas**, advogados que sabem mais do que a raposa ... e lhes rouba suas propriedades, mulheres e filhas como habilidoso e letrado advogado, bacharéis. É por isso que eles são chamados advogados; a boa raposa é doutor e letrado. E assim destrói neste reino aos pobres dos índios e não há remédio. Não há serpente no mundo tão corajosa e complicada como uma raposa como eles. Fora da ordem sagrada são mestres do mal viver, todo interesse ... cobiça por ouro e prata. Das almas não o são.

Do **Escrivão** lhe temem os índios porque é **Gato** caçador, persegue, trabalha e o pega e não o deixa se mexer ao pobre rato. Igualmente com as propriedades dos pobres índios, o perseguem até pegá-lo; e ao pegá-lo, não o faz se mover e dá pressa em pegá-lo, e não há remédio para os pobres dos índios.

Dos **Espanhóis** da pousada, passageiros que não temem a Deus, nem a justiça, o temem os índios porque são **Tigres**, bravo animal. Chegando à pousada, toma cuidado e serviços e lhe toma o valor de dez pesos e os gasta, não paga e não vê se é prefeito ou cacique principal o pobre índio. Ele lhe dá muitas pauladas e lhe tira tudo quanto tem e se os leva, também nos povoados e nas aldeias, e é pior que os outros animais e não há remédio para os pobres índios.

Dos **Caciques** principais que se faz de índio baixo, cacique e capatazinho de dez índios. Destes, os pobres índios temem porque são **Ratos**. Ele é o furta de dia e de noite de suas propriedades; sem que ninguém sinta, furta e rouba. Pede demais da xicara

... fruta, prata e outros alimentos e lhe gasta das comunidades e quanto puder, o que significa maior que todos os animais, porque dia e noite nunca para e não há remédio para os pobres índios deste reino.

E de tal modo, da serpente, leão, tigre, raposa, gato, rato, des- ses seis animais que lhe comem ao pobre índio, não o deixa se mexer e lhe prejudica o médio e não se pode mexer. E entre esses ladrões, um ao outro se ajuda e se favorecem. E se o defende a esse pobre índio, o cacique principal, o comem todos eles e o matam. E assim, o cacique principal não o conhece de causas civis, criminais, porque são inimigos mortais neste reino” (GUAMÁN, p. 656).

Todos esses personagens tinham algo em comum em relação à população:

- Abusar com excesso de trabalho sobre os índios;
- Punição sem medida sobre os que não cumpriam ou fugiam. Eles se colocavam como juízes;
- Abuso de mulheres e dos filhos que daí emergem;
- Roubo de propriedades e terras;
- Exigir oferendas e esmolas obrigatórias;
- Negligência da sua tarefa ou missão que facilmente deixavam;
- Maus exemplos como cristãos que eram;
- De caráter intratável e vingativos;
- Não pagavam os salários como deveriam;
- Bêbados, festeiros, preguiçoso e descuidados;
- Queriam ser tratados como senhores;
- Não cumprem as normas da Igreja;
- Matam a golpes;
- Não aprenderam o idioma local.

Tudo isso indica que a vida que viviam os andinos nesse tempo da pós-conquista foi alterada radicalmente, do seu modo de vida original, da sua cultura, seus projetos de vida, de sociedade, de religião, sem que tivessem a opção de voltar a ser como antes. A conquista trouxe como consequência uma colonização, que vivendo na própria terra, deveria se someter ao outro estilo

completamente estranho, apesar das coisas positivas, que também receberam. Deve-se dizer também, que Guamán diz que antes houve bons exemplos de padres e pessoas que amavam o povo andino. No texto, menciona grupos de missionários e missionárias que foram um verdadeiro exemplo da experiência do evangelho, dando origem a uma comunidade cristã sólida de fé (GUAMÁN, 625/639 - 638/652).

Aqui apresento três exemplos de abuso: um prático e dois pronunciados nos sermões:

Primeiro: como padre Juan Alvadán, foi pároco da cidade de San Cristóbal de Pampa Chire. Ele foi muito absoluto e cruel padre, as coisas que esse homem fazia não podem ser escritas. Porque ele pegou um índio ... porque ele não deu carneiro... ele o colocou amarrado com couros, e começou a queimá-lo com vela de sebo ... lhe pôs fogo na bunda e na “vergonha”, acendido com muitas candelas e lhe abriu a bunda com as mãos. E dizem que fez outras muito mais. E as solteiras de Dom Juan Uacrau, que reclamaram, sua filha, que o padre Alvadán a desnudava e olhava para a bunda e a xoxota dela, lhe metia os dedos e lhe dava chicoteadas cada manhã o fazia com todas as solteiras. (GUAMÁN, 566/580, p. 536).

Segundo: “O padre disse em seu sermão: acabe-o! Saibam que o padre é melhor que o magistrado, melhor que o escravo e que o próprio vice-rei. Você deve ouvir as minhas boas ordens que lhe disse para trabalhar, porque eu vou lhe chicotear até as nádegas. É isso que lhes ordeno hoje no evangelho. Este é o sermão. O digo como representante de Deus. Recebam isso no coração” (GUAMÁN, p. 580).

Terceiro: “Vocês são bêbados, doentes, glutões, adúlteros, vagabundas, ladrões, bruxos, feiticeiros. Vocês não oferecem nem ouro nem prata ao padre. Mulheres, vocês temem o padre como se fosse um demônio, o diabo ou o inferno. Nem ver querem a minha casa. Sou mais senhor do que o rei e do que o mesmo senhor Inca. Eu sou graduado. A propósito, os vou a enforcar. Vou lhes tirar sua pele. Meus filhinhos, não merecem nem meus

sapatos. Ouçam só isso e muito bem. Que Deus os ajude. Porque vocês são meus filhinhos, muito queridos e reverenciados; isso lhes ensino neste meu sermão. Eu, seu padre, é quem o diz” (GUAMÁN, p. 581).

De onde há tanta crueldade contra esses povos indígenas?

É difícil entender que um “cristão - escravista”, oriundo de uma cultura cristã e com a obrigação de ensinar a fé (condição imposta pelo Papa ao distribuir as terras) teria agido dessa maneira exterminando com grande parte da população. A razão pode ser atribuída, em parte, à mentalidade colonialista trazida pelos conquistadores que, embora pudesse ter sido aplicada inconscientemente por serem filhos de seu tempo, marcaram com uma ferida profunda por onde passavam.

No III Concílio de Lima, é dito o seguinte sobre o povo: “*A cultura dos povos americanos parecia aos olhos dos europeus, perfeitamente inútil: as danças, as histórias contadas sem fim, os ornamentos corporais, os ritos e mitos, tudo parecia fútil e sem futuro. Os europeus devem ter pensado: os índios são inúteis, não fazem nada, são preguiçosos, não querem trabalhar, são vagabundos e ociosos, afinal de contas, inúteis. Eles precisam ser reeducados a partir do nada*”. (citado em HOORNAERT, 116).

Com esta base, para os europeus, tudo era inútil e tudo precisava ser feito desde o início. Convencidos disso, impuseram tudo quanto eles acreditaram que deveriam. A história do cristianismo na América Latina está visceralmente ligada à história da colonização do continente. Eles moldaram este mundo para o seu prazer e todos deviam entrar nos esquemas preparados por eles mesmos. Como disse Americo Vespucio: *descobrimos mais de mil ilhas e a maior parte delas habitadas, e todas as pessoas nuas e medrosas ... e fazíamos com elas o que queríamos* (NOVO MUNDO, p 60), (citado em HOORNAERT, p. 156).

Eram duas maneiras diferentes de conceber as relações na sociedade. A reciprocidade e a gratuidade eram fundamentais nas culturas antigas da América. Quando os europeus chegam, entra

o *homo oeconomicus* no continente. Porque para os conquistadores, o desejo de conquistar era algo natural e comum, e aqueles que o faziam eram louvados. Com essa mentalidade, os conquistados deveriam ser exterminados (HOORNAERT, 119).

O escritor búlgaro T. Todorov diz: O homem americano estava orientado para uma ordem cósmica, para a natureza, para a vida humana. O comércio ou as trocas para ele não passava sentido, a não ser relativamente. Por outro lado, o europeu, treinado na arte de dominar aos outros, da política acima de tudo, era um comerciante sem considerações éticas ou religiosas. (citado em HOORNAERT, p. 118).

José Carlos Mariátegui, escritor peruano, em sua famosa obra: *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, diz: “A Igreja Romana pode se sentir herdeira legítima do Império Romano em relação à política de colonização e assimilação dos povos sujeitos ao seu poder. A evangelização da América espanhola não pode ser julgada como uma empresa religiosa, mas como uma empresa eclesiástica. Mas, após os primeiros séculos do cristianismo, a evangelização sempre teve esse caráter. Somente uma poderosa organização eclesiástica, capaz para mobilizar ferozes milícias de catequistas e sacerdotes, era capaz de colonizar para a fé cristã povos distantes e diversos.” (p. 174-182).

A cultura religiosa ocidental, cunhada por uma tradição patristica e escolástica, foi adaptada sobre os moldes de um pensamento intelectual, onde a preocupação com os dogmas e sua correta elaboração em palavras era primordial. Isso colidiu frontalmente com a experiência cotidiana da cultura andina. Nas palavras de Felipe Guamán, eles viviam uma práxis de amor concreto, de solidariedade com as pessoas necessitadas, o que as tornava muito sensíveis aos males que viviam agora. Para eles, Deus se manifestou mais por atos de justiça e amor ao próximo, do que por credos que foram ensinados pelos padres, pelos escravistas e pelos catequistas. Diante de tanta fome, dor e sofrimento, esperavam um testemunho dos desfeitos, dos indesejados e dos “inúteis” (cf. RYAN, 3.2.2). As ações mais simples de justiça e amor

têm dimensões e profundidades desconhecidas pelas culturas que desenvolveram outra maneira de ver a vida e resolver suas necessidades de sobrevivência.

Para o cronista, a nova religião que estabeleceu o sistema colonial não implica nem deve forçar os índios a romper com suas tradições religiosas, nem deve ser imposto o método de evangelizar (cf. AMAYA, p. 20). O bom governo deve basear-se nas formas de organização que os povos andinos já praticavam antes da conquista, de acordo com os princípios do catolicismo e sob a proteção do rei. Reconhece que é inevitável renunciar aos fundamentos do sistema colonial já estabelecido; portanto, a forma de descolonizar seu povo, busca espaços possíveis para um bom governo dos povos indígenas, posicionando-se diante de uma realidade marcada pela injustiça generalizada que exercem os funcionários políticos e eclesiásticos da colônia. Ele como índio e cristão, fundamenta suas tradições com a religião cristã. Finalmente, elabora um paralelismo para indicar as continuidades, coincidências e incompatibilidades entre as práticas religiosas indígenas e cristãs (cf. AMAYA, p. 12).

Resultaria bastante extenso e repetitivo citar as inúmeras passagens em que o autor Poma de Ayala confirma sua decepção pelo que vê ao passar pelas cidades que acompanham o visitante Albornoz. O comportamento dos “seis animais” é muito semelhante aos olhos dos conquistados: eles os obrigam a trabalhar em suas propriedades e não os pagam, razão pela qual os índios estão desaparecendo da presença de estrangeiros (cf. GUAMÁN 563 / 577 / pais / p. 533).

CONCLUSÃO

Talvez não seja possível voltar às origens e valores antigos de nossas culturas. O tempo misturou os múltiplos elementos em uma massa que hoje é a sociedade e que as formas atuais não permitiriam uma separação ou distinção, mas é possível destacar aspectos que as pessoas mantiveram ao longo do tempo.

Para aspirar uma descolonização, podemos apontar como um guia e luz o que Jesus fez ao anunciar o Reino: consistiu em uma espécie de descolonização do judaísmo. Jesus foi capaz de destacar os elementos primordiais que haviam sido sufocados pelos ensinamentos de sacerdotes e escribas que, desde os tempos antigos, os centros de poder tinham distorcido a religião em benefício próprio. Por exemplo, era normal: que o centro da religião fosse o templo e os sacerdotes. Uma religião de favorecidos e outros marginalizados. Era normal “devorar os bens das viúvas”. O sacrifício era preferível ao invés da misericórdia. O sábado era mais sagrado que a pessoa. As oferendas estavam acima das relações humanas. Deus que resgata o pecador e não o entrega à morte. A pureza não repousa nos ritos, mas no coração. A riqueza não é um sinal do favor de Deus. Os favoritos de Deus são os pobres. Fé de qualidade, Jesus a encontrou no meio dos gentios, etc. Com esses exemplos, Jesus foi um verdadeiro descolonizador e exemplo a seguir para purificar nossas teologias, liturgias e nosso mundo religioso.

Para nós, como missionários que frequentam outras culturas, é essencial que a maior preocupação seja a proclamação do Evangelho, tentando de respeitar a mensagem original de Jesus, o que implica um profundo conhecimento de sua obra. Um segundo fator é o diálogo que pode ser estabelecido entre esse anúncio e a cultura local. Enfim, favorecer o surgimento de uma visão do local e da cultura em que estamos.

NOTAS

1. Guamán Poma de Ayala se apresenta como um indígena de origem nobre, cujo pai Martín de Ayala teve a honra de receber o sobrenome espanhol de Ayala, por ter participado em uma batalha de Pizarro y Almagro. A provável data de nascimento foi em 1526 em San Cristóbal de Sondondon (Ayacucho) Peru. A parte que tem mais destaque na sua vida foi entre 1594-1600 sendo intérprete e testemunha das campanhas contra as religiões andinas empreendidas pelo visitador Cristóbal de Albornoz, enfatizando sua denúncia contra os funcionários políticos e religiosos da Colônia (Fernando Amaya Farías. pp 8-9).

PARA REFLETIR

- É fundamental que a maior preocupação seja anúncio do Evangelho, tentando respeitar a mensagem original de Jesus, a qual implica um profundo conhecimento de sua obra. Quanto faço minha a Palavra de Jesus como coluna de minha vida e de meu ministério?
- Um segundo fator é o diálogo que pode ser estabelecido entre esse anúncio e a cultura local. Como conecto “esse meu mundo” à realidade exterior que pede minha participação?
- Por último, favorecer o surgimento de uma visão do lugar e da cultura onde nos encontramos. Descubro, aprendo, respeito e valorizo que Deus tem outros caminhos nos outros, nas culturas e no mundo ao longo do tempo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAYA FARÍAS, Fernando. Conflicto Colonial Andino y mediación teológica en la Crónica de Guamán Poma. *Perifrasis*. Vol. 3, Núm. 5. Bogotá, Enero-Junio 2012, 123.

BALASUNDARAM, F.J.B. *Contemporary Asian Christian Theology*. Delhi, ISPCK, 1995.

BALASURIYA, Tisa. *Jesus Christ and Human Liberation*. Colombo, 1984.

_____. *Planetary Theology*. New York, Orbis, 1984.

ERSKINE, Noel Leo. *Decolonizing Theology*. A Caribbean perspective. Nueva York, 1981.

FRITZ, Sabine. Guamán Poma de Ayala como traductor indígena de textos culturales. *La Nueva Crónica y Buen Gobierno*. Fronteras de la Historia 10, 2005. ICANH.

GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva Crónica y Buen Gobierno*. Siglo XXI Editores. Colección América Nuestra. México, 1992.

GUMUCIO, Juan Carlos. La Nueva Crónica y Buen Gobierno de Guamán Poma a la luz de un controvertido manuscrito napolitano. *Ciencia al Día Internacional*. Febrero 2000, Núm. 1 Vol. 3.

HOORNAERT, Eduardo. *História do cristianismo na América Latina y no Caribe*. Paulus, São Paulo, 1994.

KELLER, Catherine. The attraction of Apocalypse and the Evil of the end. *Concilium*. Revue Internationale de Théologie. Special Issue on The Fascination of Evil, january 1998.

KUMAZAWA, Yoshinobu. Where the Theology seeks to integrate. Text and Context. In: ANDERSON, Gerald H. *Asian Voices in Christian Theology*, 1976.

MARIATEGU, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la Realidad peruana*. Lima, 1973

PATHIL, Kuncharia. *Indian Churches of the Crossroads*. Bangalore, 1994.

RYAN, Samuel. Decolonization of Theology. JNANADEEPA, Vol. 1, n. 2, July 1998. Vidyajyoti, Delhi.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Martins Fontes, São Paulo, 1983

WITVLIE, Theo. *A Place in the Sun*. Liberating Theology in the Third World. Orbis, Maryknoll, 1985.